



MANUEL SEVERIM DE FARIA

DISCURSOS VÁRIOS POLÍTICOS

Introdução actualização e notas
de MARIA LEONOR SOARES ALBERGARIA VIEIRA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA



VIDA DE LUÍS DE CAMÕES.

* [Esta biografia, escrita por um quase contemporâneo do Poeta, tem o mérito de ser a primeira detalhada que sobre Luís de Camões se publicou depois da que escreveu Pedro de Mariz e que se encontra inserida na edição comentada d'Os Lusíadas publicada por Manuel Correia em 1613].



JULGAVA Plínio por a maior felicidade da vida fazer um homem tais obras, que todos desejassem saber qual fosse o Autor delas ¹: *Ut equidem arbitror (diz ele) nullum est felicitatis specimen, quam semper omnes scire cupere qualis fuerit aliquis.* Nasce este desejo da condição do entendimento humano, o qual como seu fim seja o conhecimento da verdade, não se satisfaz, como diz o Filósofo, até não alcançar a causa verdadeira das cousas. Daqui tiveram seu fundamento todas as disputas e questões das ciências, querendo mostrar cada qual que a sua notícia está mais ajustada com a razão natural de cada cousa. Daqui nasceu escreverem-se sobre ãa matéria tantos livros. Daqui também comporem-se tantas histórias da vida de um mesmo Príncipe, ou varão ilustre, nas quais o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circunstâncias, contando não somente os casos, e sucessos das cousas, mas os conselhos, e razões com que foram feitas. Pelo que por satisfazer a este tão devido desejo, nos pareceu devíamos também escrever a Vida do nosso Poeta Luís de Camões, Príncipe dos Heróicos de Espanha, por quanto o que dele anda impresso é tão pouco, e diminuto, que não satisfaz em muita parte com

¹ Plín., liv. xxxv, cap. ii.

o que todos pretendem saber de semelhantes varões; como é a qualidade, vida, costumes, engenho, feições, e outras particularidades, sem as quais fica muito imperfeita a notícia que se requer na história de um homem insigne. De todas estas cousas vai acrescentada esta Relação quanto foi possível à boa diligência que sobre isso se fez, aproveitando-nos principalmente do que o mesmo Luís de Camões de si refere em seus versos, onde ordinariamente os Poetas deixam escritas suas vidas; porque é natural aos homens deleitar-se de contar os trabalhos que padeceram, depois de escaparem deles. E como Luís de Camões passou a maior parte da sua vida em peregrinações, e sucessos vários, não é muito que os deixasse postos em memória; e porque a pobreza com que viveu tinha escurecido em parte a clareza de seus antepassados, começaremos esta Relação de sua vida, dando-a um pouco mais larga de sua família, pera que sobre este illustre fundamento fique mais estimado seu engenho.

Família
dos Camões.

A família dos Camões é natural do reino de Galiza; seu apelido dizem alguns que é alcunha tomada do pássaro Camão, a quem os antigos chamaram *Porphyrio*, celebrado de muitos Autores pela admirável propriedade de morrer vendo cometer adultério contra o senhor da casa. Alciato o traz no Emblema 47 por símbolo da vergonha, e honestidade, com estes versos:

*Porphyrio, domini si incestet in ædibus uxor,
Despondetque animum, præque dolore perit.
Abdita in arcanis naturæ est causa: sit index
Sinceræ hæc volucris certa pudiciticæ.*

O mesmo refere Camões n'ũa carta em verso, que anda nas suas primeiras Rimas dizendo:

*Exprimentou-se algũa hora
D'Ave que chamam Camão,
Que se da casa onde mora
Vê adúltera a senhora,
Morre de pura paixão.*

Porém o mais certo é não ser este sobre nome Alcunha, senão Apelido, tornado do castelo de Camões, tão antigo no reino de Galiza que já se faz dele menção na Crónica de S. Máximo, situando-o junto do promontório Nereu, que agora se chama Cabo de Finisterra. Deste território há notícia que tomaram nome os Peros chamados Camoeses, tão conhecidos em toda a Espanha, e que daqui se levaram para as outras províncias dela, onde hoje se vê em grande cópia, e o que mais é:

Melhor tornados no terreno alheio.

Principalmente neste Reino, porque são os nossos muito aventejados no sabor, e suavidade aos de Galiza, e por isso muito mais prezados. O primeiro da família de Camões que passou a Portugal foi Vasco Pires de Camões em tempo del-Rei D. Fernando, por ter seguido suas partes contra el-Rei D. Henrique de Castela o bastardo. Deu el-Rei D. Fernando neste Reino a este fidalgo em lugar do que deixara em Galiza, as vilas do Sardoal, Punhete, Marão, e Amêndoa, com o Concelho de Gestaçô, e as herdades, e terras que foram em Estremoz, e Avis da Infanta D. Beatriz; e o fez alcaide-mor de Portalegre, e Alenquer, e um dos principais fidalgos de seu Conselho. Obrigado Vasco Pires destas mercês seguiu depois as partes das Rainhas D. Leonor, e D. Beatriz contra el-Rei D. João I de Portugal, como largamente se contém tudo nas Crónicas do mesmo Rei. Pelo que sendo preso na batalha de Aljubarrota, perdeu todos os vassallos, e fortalezas que tinha no Reino, e somente lhe deixou a benignidade Real as terras e herdades de Estremoz, e Avis, e outros bens particulares que tinha em Alenquer, e Lisboa, de que seus descendentes instituíram depois morgados rendosos, principalmente em Avis, e na cidade de Évora, onde possuem algũas herdades, às quais, pelo apelido dos possuidores deu o povo nome de Camoeiras².

² Cr. del-Rei D. João I, P. 1, caps. xxx e clx e clxviii, clxxxix, e P. 2, caps. xxxix, xlvi, lxii e Registos del-Rei D. Fernando.

Foi casado Vasco Pires de Camões com ãa filha de Gonçalo Tinreiro, a quem el-Rei D. Fernando fez Capitão-mor das armadãs de Portugal, e el-Rei D. João I sendo ainda defensor do Reino lhe deu a Capitania de Lisboa³. E depois seguindo as partes da Rainha D. Beatriz se intitulou Mestre de Cristo. Deste matrimónio teve Vasco Pires a Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e Constança Pires de Camões, mulher de Pero Severim fidalgo Francês, de quem se faz menção na tomada de Ceuta. Gonçalo Vaz, que foi o filho mais velho casou com Constança da Fonseca, filha de Afonso Vasques da Fonseca, Alcaide-mor de Moreira, e Marialva (filho de Vasco Fernandes Coutinho, Meirinho-mor, e senhor de Liomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve António Vaz de Camões, o qual foi pai de Lopo Vaz de Camões, e de D. Aldonça Anes de Camões, mulher de Rui Casco, Alcaide-mor d'Avis.

Lopo Vaz de Camões casou com Inês Dias da Câmara, filha de Diogo Afonso de Aguiar, da Ilha da Madeira, e de sua primeira mulher Isabel Gonçalves da Câmara, filha de João Gonçalves da Câmara primeiro Capitão do Funchal, e progenitor dos Condes da Calheta, da qual teve António Vaz de Camões, Simão de Camões, e Duarte de Camões.

António Vaz de Camões casou com Dona Isabel de Castro, filha de Dom João de Castro (irmão de D. Fernando de Castro, que foi Avô do primeiro Conde de Basto) e de Dona Francisca de Brito, filha de Fernão Brandão, o Velho, de Évora, da qual teve a Lopo Vaz de Camões, e Luís Gonçalves de Camões, que fez um morgado em Avis chamado da Torre, que hoje possui Simão de Camões, filho de Duarte de Camões; teve mais a Dona Francisca de Castro, mulher de D. Martinho de Sousa.

Lopo Vaz de Camões casou com Dona Maria da Fonseca, filha de Gaspar Rodrigues Preto, filho de Jorge

³ Cr. del-Rei D. João I, P. 2, cap. LXII, e Registos del-Rei D. Fernando, e D. João I.

Rodrigues Preto, Estribeiro-mor da Imperatriz Dona Isabel, da qual teve a António Vaz de Camões, e Dona Ana de Castro, mulher de Diogo Lopes de Carvalho, senhor dos Coutos de Negrelos, e Abadim.

António Vaz de Camões casou com Dona Francisca da Silveira, filha de Dom Álvaro da Silveira, filho de Dom Diogo da Silveira, Conde de Sortilha, e Guarda-mor del-Rei Dom João III da qual teve a Lopo Vaz de Camões e outros filhos que hoje vivem.

João Vaz de Camões, filho segundo do primeiro Vasco Pires de Camões, foi vassalo del-Rei D. Afonso V (título muito principal naquele tempo) e serviu ao mesmo Rei nas guerras de África, e Castela. Viveu na cidade de Coimbra, da qual foi benemérito Cidadão, indo por seu Procurador às Cortes daqueles trabalhosos tempos da criação del-Rei D. Afonso; teve o cargo de Corregedor daquela Comarca, officio então de grande jurdição, porque não havia mais de seis no Reino; e ordinariamente eram fidalgos muito honrados, e não professavam letras, como ainda agora se usa em algũas partes de Espanha. Tudo isto consta do Epitáfio de sua sepultura, que está em ãa capela da Crasta da Sé de Coimbra, que o mesmo João Vaz de Camões mandou fazer, onde à parte do Evangelho se vê um túmulo levantado de mármore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do túmulo está a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo com ãa espada na mão, e aos pés um rafeiro deitado. Esta capela tem agora o arco quasi tapado de ãa parede de tijolo, porque como faltaram os descendentes do instituidor, ficou devoluta, e sem haver quem a ornasse, e tivesse cuidado dela.

Casou João Vaz de Camões com Inês Gomes da Silva, filha bastarda de Jorge da Silva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Silva, e neto de Diogo Gomes da Silva, irmão de João Gomes da Silva, Alferes-mor del-Rei D. João I e senhor de muitas terras. Dela teve a Antão Vaz de Camões, o qual casou com Guimar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve que trazem sua origem dos de Além-Tejo) e dela houve Simão Vaz de Camões, que indo por

*Ascendência
de Luís
de Camões.*

Capitão de ãa nau à Índia, segundo Pero de Mariz, se perdeu na Costa de terra firme de Goa, e escapando do naufrágio morreu pouco depois na mesma cidade. Foi casado Simão Vaz com Ana de Macedo (dos Macedos de Santarém) e dela teve o nosso Poeta Luís de Camões. Estes foram seus progenitores, pelos quais se mostra que não foi menos ilustre no sangue, que no engenho, e ainda que a falta dos bens da fortuna em que se criou (como quem perdeu o pai de tão pouca idade) lhe tirasse em parte os ornamentos exteriores, com que se faz estimar a nobreza, não lhe pode nunca tirar a grandeza de pensamentos, que de seus antepassados herdara.

Nasceu Luís de Camões, reinando el-Rei D. Manuel, pelos anos de 1517, na cidade de Lisboa, como o testifica Manuel Correia seu Comentador, que o conheceu e foi seu familiar amigo, e não em Coimbra, como alguns cuidaram, pela vivenda antiga que seus Avôs ali tiveram. Por esta razão chama tantas vezes ao Tejo, pátrio, e invoca no princípio dos seus Lusíadas as Ninfas do mesmo rio, dizendo:

*E vós Tágides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estilo grandíloco, e corrente;
Porque de vossas águas Febo ordene,
Que não tenham inveja às de Hipocrene.*

E no Canto III, estân. 2, quando pede favor a Calíope:

*Põe tu Ninfa em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja, e saiba o mundo, que do Tejo,
O licor de Aganipe corre, e mana, etc.*

Porém não foi só Coimbra a que contendeu sobre ter por seu filho tão excelente engenho; pois antigamente as sete cidades Gregas pretenderam com não menores invejas

o nascimento de Homero, querendo cada qual, ser sua pátria⁴. Sendo moço foi estudar a Coimbra, que então começava florescer em todas as ciências por benefício de el-Rei Dom João III, conduzindo este excelente Príncipe para mestres delas, varões insignes, e dos mais peritos que então havia em Europa, dos quais ele aprendeu a língua Latina, e Filosofia, e mais letras humanas com tanta perfeição, como mostram seus escritos, e adiante diremos. Desta estada em Coimbra fazem menção alguns dos seus versos, e em particular a canção que na primeira parte das suas Rimas é a 4.^a e começa:

*Vão as serenas águas
Do Mondego descendo,
Mansamente que até o mar não param,
Por onde minhas máguas
Pouco, e pouco crescendo
Pera nunca acabar se começaram, etc.*

O mesmo se vê no Soneto terceiro da segunda parte das Rimas que diz:

*Doces águas, e claras do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, e pérfida esperança
Longo tempo após si me trouxe cego;
De vós me aparto, etc.*

Destes e outros versos que fazia naquele tempo se vê bem quão cedo começou a exercitar a Poesia, e com quanta perfeição; e como esta arte seja às vezes mais estimada nas Cortes dos Príncipes, que nas escolas, parece que esta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que uns amores, que (segundo dizem) tomou no Paço o fizeram desterrar da Corte. Desta ausência parece se queixa naquela sua elegia que começa:

O sulminense Ovídio desterrado, etc.

⁴ Plut. in vit. Homer.

É desterrado da Corte.

Pátria de Luís de Camões.

onde depois de descrever o sentimento que Ovídio tinha no desterro, diz assi:

*Desta arte me afigura a fantasia,
A vida com que vivo desterrado,
Do bem que noutro tempo possuía.*

E mais abaixo:

*Ali me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho, e me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.*

E porque não cuidemos que fala de algũa das suas peregrinações fora do Reino, diz logo abaixo as cousas que via do lugar onde estava degradado:

*Vejo o puro, suave, e brando Tejo,
Com as côncavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce efeito seu desejo.
Ûas com brando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas águas apartando.
Dali falo com água que não sente,
Com cujo sentimento a alma sai,
Em lágrimas desfeitas claramente.
Ó fugitivas ondas esperai,
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lágrimas levai.
Até que venha aquele alegre dia,
Que eu vá onde vós is, contente, e ledó,
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pode tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão áspero degredo, etc.*

*Assiste
em África*

Neste comenos havia de passar a Ceuta, onde esteve algum tempo, como se vê da sua elegia, que começa:

Aquela que de Amor descomedido, etc.

onde abaixo diz:

*Ando gastando a vida trabalhosa,
Espalhando a contínua saudade,
Ao longo de ùa praia saudosa, etc.*

E logo:

*E com isto afiguro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira gente, e estranha usansa.
Subo-me ao monte que Hércules Tebano,
Do altíssimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar mediterrâneo,
Dali estou tenteando aonde viu
O pomar das Hespérides, matando
A serpe, que a seu passo resistiu;
Em parte estou afigurando
O poderoso Anteu, que derrubado,
Mais força se lhe estava acrescentando, etc.*

Aqui parece teve sua primeira milícia, e que n'algum recontro com os Mouros, foi ferido de um pelouro no olho direito, com que o perdeu, como ele toca na Canção que começa:

Vinde cá meu tão certo secretário.

Onde depois de cantar os sentimentos de sua afeição, diz assi:

*Desta arte a vida noutra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, irado,
Que eu ainda assi por outra a não trocara;
Fez-me deixar o pátrio ninho amado;
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes, me teve a vida cara:
Agora experimentando a fúria rara
De Marte, que cos olhos quis que logo
Visse, e tocasse o acerbo fruto seu.
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo, etc.*

Que lhe acontecesse isto em África, e não na Índia, se mostra pela carta primeira que escreveu da Índia a um

amigo, ao qual, dando novas de um Manuel Serrão, diz que *sicut et nos, manqueja de um olho*, como cousa já antiga, e notória nele em Portugal. Esta ferida lhe afeou notavelmente o rosto, por onde era chamado das damas, Diabo e Cara sem olhos, a que ele respondeu muitas vezes cortesã e graciosamente, como se vê de seus versos. [Porém ainda que a falta da vista lhe tirou a gentileza exterior com as damas, não a perdeu no conceito dos que o viam assinalado no rosto da mão dos infieis; porque semelhantes sinais de Marte fazem as faces mais fermosas, que os de Vénus. E assi se na Poesia o podemos comparar a Homero (que também, segundo alguns, careceu de vista) nas armas não irá menos ufano, que Filipe, Antíoco, Aníbal, e Sertório, que de perderem ãa vista na guerra se não gloriaram pouco.] Tornando ao Reino, ou por causa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de sua poesia lhe não davam fruto (como costumam) ou por os respeitos, que na primeira carta que anda nas suas Rimas, aponta, determinou de se passar à Índia, por ser esta (segundo ele diz) sepultura de todo o pobre honrado e sem dúvida que ele levava pensamento de a escolher por sua, porque além de se embarcar dizendo aquelas palavras de Cipião: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*, como refere na sua Carta, não se veio da Índia acabados os anos da milícia ordinária, mas depois de 16 de assistência, como veremos adiante. Não achei em seus versos, nem em memória algũa o ano em que se embarcou; somente escreve que tanto que chegou a Goa saía o vizo-Rei com ãa grande armada sobre el-Rei da Pimenta. Foi esta empresa, segundo referem as histórias da Índia, no fim do ano de 1553⁵. Pelo que consta que partiu de Lisboa no Março de 1553 com Fernand'Alvres Cabral, que indo por Capitão-mor de quatro naus, só ele chegou à Índia nos primeiros de Setembro do mesmo ano. Era então vizo-Rei daquele Estado Dom Afonso de Noronha, com o qual logo no Novembro seguinte Luís de Camões se embarcou em ãa grossa Armada, em que o vizo-Rei foi ao Malabar, para

⁵ Crón. del-Rei D. João III, P. 4, cap. ciii.

favorecer el-Rei de Cochim, e o de Procá, e outros amigos do Estado, a quem el-Rei da Pimenta (que por outro nome chamam de Chembé) tinha apertado, e tomado algũas Ilhas. Tanto que o vizo-Rei surgiu no porto mandou sair a gente nas Ilhas, e com morte de muitos Malavares foram destruídas, e queimadas pelos nossos, o que obrigou a pedir pazes ao Rei da Pimenta, como largamente se conta na *Crónica del-Rei D. João III* e na Sexta Década de Diogo do Couto⁶. Esta primeira jornada descreve Luís de Camões breve, e elegantemente na Elegia da sua viagem, que começa:

O Poeta Simónides falando, etc.

Onde depois de contar como partira de Lisboa, e passara o cabo de Boa Esperança, diz assi:

*Desta arte me chegou minha ventura
A esta desejada, e longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra;
E nós próprios quão pouca, contra quem
Foi logo necessário termos guerra.
Que ãa Ilha que o Rei de Procá tem,
Que o Rei da Pimenta lhe tomara,
Fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.
Com ãa Armada grossa, que ajuntara
O vizo-Rei, de Goa nos partimos,
Com toda a gente de armas, que se achara.
E com pouco trabalho destruimos
A gente, no curvo arco exercitada:
Com mortes, com incêndios os punimos.
Era a Ilha com águas alagada,
De modo que se andava em Almadias,
Em fim outra Veneza trasladada.
Nela nos detivemos só dous dias,
Que foram pera alguns os derradeiros.
Que passaram de Stigie às águas frias, etc.*

⁶ Crón. del-Rei D. João III, P. 4, ub. sup. Couto, Década VI, liv. x, caps. xvi e xvii.

[Prova-se também passar neste ano à Índia⁷, porque no mesmo tempo sucedeu em Ceuta a perda de D. Pedro de Menezes, a quem el-Rei D. João III mandara por capitão daquela Cidade no ano de 1549 em lugar de D. Afonso de Noronha, quando foi para vizo-rei da Índia, e entre outros fidalgos, a quem os Mouros mataram naquele recontro, foi D. António de Noronha sobrinho do mesmo Capitão, filho do Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, o qual tinha sido particular amigo de Luís de Camões no Reino. Chegaram estas novas à Índia, juntamente com as do falecimento do Príncipe D. João, que foi em Janeiro de 1554, no Setembro do mesmo ano, e deram ocasião a Luís de Camões compor a Égloga de Umbrano e Frondélio que anda nas suas Rimas, como ele mesmo diz na sua primeira carta que escreveu da Índia no Janeiro de 1555 em que lamenta estas duas mortes.] Neste mesmo ano de 1555⁸ mandou o vizo-rei D. Pedro Mascarenhas (que já sucedera a D. Afonso de Noronha) ãa armada ao Estreito de Meca, de que deu a Capitania-mor a Manuel de Vasconcelos, o qual partiu de Goa em Fevereiro, e levou ordem do vizo-rei que se fosse pôr nas portas do Estreito, junto do Monte Félix, a esperar as naus dos Mouros. Esteve neste porto Manuel de Vasconcelos até se lhe gastar a monção, e depois se foi invernar a Ormuz, donde dando guarda à frota, tornou a entrar em Goa nos primeiros de Outubro. Nesta armada, parece foi Luís de Camões, e que na estância de monte Félix compôs aquela sua Canção em que descreve particularmente aquele monte, e paragem, como se dela vê, que diz assi:

*Junto de um seco, fero, e estéril monte
Inútil, e despido, calvo, informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem rio claro corre, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruído;*

⁷ Crón. del-Rei D. João III, P. 4, cap. LXIX.

⁸ Couto, Década VII, liv. I, cap. III.

*Cujo nome do vulgo introduzido,
É Félix por antifrasi infelice.
O qual a natureza
Situou junto à parte,
Onde um braço de mar alto reparte
A Abássia, da Arábica aspereza,
Onde fundada já foi Berenice
Ficando à parte donde
O Sol que nele ferve se lhe esconde.*

*Nele aparece o Cabo com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo,
Limite faz, Arómata chamado,
Arómata outro tempo que correndo
O tempo, a rude língua mal composta
Dos próprios, outro nome lhe tem dado
Aqui, no mar que quer apressurado
Entrar pola garganta deste braço,
Me trouxe um tempo, e teve,
Minha fera ventura;
Aqui nesta remota, áspera, e dura
Parte do mundo, quis que a vida breve
Também de si deixasse um breve espaço;
Porque ficasse a vida,
Polo Mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus, e solitários,
Trabalhosos, de dor, e de ira cheios,
Não tendo tão somente por contrários
A vida, o sol ardente, as águas frias,
Os ares grossos, férvidos, e feios,
Mas os meus pensamentos, etc.*

Chegado a Goa, diz Pero de Mariz que o mandou o vizo-Rei por Provedor-mor dos defuntos da China, o que parece não pode ser, porque o vizo-Rei Dom Pedro Mascarenhas faleceu em Goa, aos dezasseis de Junho deste ano de 1555 e a armada do monte Félix tornou àquela cidade no Outubro seguinte do mesmo ano em que já governava havia quasi quatro meses Francisco Barreto; pelo que mais certo parece o que outros afirmam, e é que

chegando Luís de Camões a Goa fez aquela Sátira que anda no fim da primeira parte das suas Rimas: contra alguns moradores daquela Cidade, com título, de Festas que se fizeram à sucessão do Governador, do que sentindo-se Francisco Barreto, ou por zelo da justiça, ou por queixas dos motejados, o mandou prender, e desterrou para a China no ano seguinte de 1556⁹ em que despachou alguns Capitães para o Sul. A isto favorecerem os versos do mesmo Poeta, o qual se queixa deste desterro, e prisão mandada fazer pelo Governador, e de um terrível naufrágio que padeceu na costa de Camboja, junto do rio Mecom, como diz na estânc. 128 do Canto X.

*Este receberá plácido, e brando
No seu regaço os cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste, e miserando,
Dos procelosos baixos escapados:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele, cuja lira sonora,
Será mais afamada, que ditosa.*

E no Canto VII, estân. 81, onde pede favor às Ninfas do Tejo para cantar os varões ilustres que finge levava D. Vasco da Gama pintados nos toldos, e bandeiras, e mostrava ao Catual seu irmão Paulo da Gama. Entre outras queixas que dá dos poucos prémios que recebia de seus versos, diz assi:

*E ainda Ninfas minhas não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Senão que aqueles que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem,
A troco dos descansos que esperava.
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro Estado me deitaram.*

⁹ Couto, Década VII, liv. IV, cap. III.

E na Canção X das primeiras Rimas:

*Em fim não houve transe de Fortuna,
Nem perigos nem casos duvidosos
(Injustiças daqueles, que o confuso
Regimento do mundo antigo abuso
Faz sobre os outros homens poderosos)
Que eu não passasse, etc.*

De maneira que esta jornada não foi por despacho senão por pena e degredo, pois diz que a fez quando foi contra ele o injusto mandado executado. Neste tempo em que andou pelas partes do Sul esteve nas Ilhas de Moluco, e particularmente na de Ternate, de quem, e do seu Vulcão que está no cimo do monte, faz particular menção na sua Canção VI que diz:

*Com força desusada
Aquece o fogo eterno
Ûa Ilha, lá nas partes do Oriente;
De estranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece, alegremente:
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas,
Tem dela o senhorio:
Cercada está de um Rio
De marítimas águas saudosas;
Das ervas que aqui nascem
Os gados juntamente, e os olhos pascem:
Aqui minha ventura
Quis que ùa grande parte
Da vida que não tinha se passasse,
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte,
De sangue, e de lembranças matizasse, etc.*

A assistência de Macau parece que foi a última do tempo que andou no Sul, pois vindo de lá padeceu o naufrágio, que foi o derradeiro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macau teve o ofício de Provedor-mor dos de-

Assiste
em Macau.

funtos, e com a comodidade do lugar devia compor aqui alguma boa parte dos seus Lusíadas, pois de lá os trouxe consigo. Acabado o seu tempo se embarcou pera Goa com esperanças de lograr algum descanso nela; porque vinha rico do que houvera do cargo, e dos amigos; porém succedeu-lhe ao contrário, como acontece às mais das esperanças do mundo. Porque navegando pela Costa de Camboja se perdeu na paragem da Foz do Mecon, Rio que nascendo na China, corre per muita distância de terras, e dividindo pelo meio a Camboja, crescido com as grandes correntes de outros rios que recebe, vem sair ao mar em um lago de mais de sessenta léguas de comprido. Aqui deu a sua nau em uns baixos onde se fez em pedaços, padecendo todos um miserável naufrágio: Luís de Camões se salvou em ãa tábua, e em tão apertado, e manifesto perigo só teve lembrança dos cantos dos seus Lusíadas para os levar consigo, esquecendo-se de tudo o mais que trazia, no que não merece menor louvor, que o que se dá a César, quando escapou no porto de Alexandria nadando com ãa mão, e levando os seus Comentários na outra. Deste naufrágio se queixa Luís de Camões muitas vezes, e em particular no Canto VII, estân. 80, referindo-o entre outros trabalhos seus:

*Agora com pobreza aborrecida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora às costas escapando a vida,
Que de um fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se
Que pera o Rei judaico acrescentar-se.*

E na Canção X das Rimas:

*A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contrária via
No primeiro perigo, e no segundo
Terra em que pôr os pés me falecia,
Ar pera respirar se me negava,
E faltava-me em fim o tempo, e mundo, etc.*

No porto deste Rio esteve Luís de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufrágio, e com esta ocasião, dizem que compôs aqui aquela sua tradução do Salmo: Super flumina Babylonis, que começa:

Sôbolos rios que vão, etc.

Na qual acomodando a si aqueles trabalhos, e sentimento de que trata o Salmo, mostra bem o que padeceu, e como recorreu logo a Deus por remédio de seu mal, conformando-se Cristãmente neste, e nos outros infortúnios da vida, com o que dela dispunha a divina Providência, como se vê na sua Canção já referida onde diz:

*Já de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me faleça já pretendo
Que pera mim não val astúcia humana,
De força soberana,
Da providência em fim divina pendo, etc.*

Reformado deste naufrágio se veio a Malaca, e daí a Goa, onde chegou governando o vizo-Rei D. Constantino, e não Francisco Barreto, como diz Pero de Mariz. O que além de constar pelo seu Comentador Manuel Correia, se prova também pela razão dos tempos. Porque vindo Luís de Camões da armada do monte Félix em Outubro de 1555 não podia partir para o Sul senão já no ano de 1556, em que o Governador Francisco Barreto despachou os Capitães das viagens pera aquelas partes, como temos dito¹⁰. E acabando o governo de Francisco Barreto a 3 de Setembro de 1558, em que chegou o vizo-Rei D. Constantino a Goa, não podia ser que em espaço de dous anos somente fosse a Malaca, estivesse em Maluco, e voltasse à China, e exercitasse lá o cargo de Provedor-mor, e tornasse a Goa. Por onde o certo parece que veio a Goa depois que o vizo-Rei D. Constantino entrou

¹⁰ Couto, Década VII, liv. v, cap. VIII; o Com. de Cor. Canto VII, est. 81, e no Canto X, est. 128.

// Depois do Couto

1556 - Malaca
1558 - D. Constantino

no governo daquele Estado. Ajudam também a estas conjecturas as oitavas que fez ao mesmo vizo-Rei estando já em Goa, que começam:

*Como nos vossos ombros tão constantes,
Príncipe ilustre, e raro, sustenteis
Tantos negócios árduos, e importantes,
Dignos de largo Império, que regeis, etc.*

nas quais oitavas se trata já da tomada de Damão, e jornada de Jafanapatão, feitas pelo vizo-Rei. Pelo que segundo isto chegou Luís de Camões a Goa depois do ano de 1560 em que o vizo-Rei Dom Constantino tinha já acabadas estas empresas. Pouco mais durou o governo ao vizo-Rei, em cujo tempo não parece que Luís de Camões teve prisão alguma, pelo officio que administrou na China, antes mostra nas oitavas referidas, estar favorecido dele, e parece que devia ser seu antigo Mecenaz, como também o tinha sido antes no Reino o Duque Dom Teodósio seu irmão. Além d'isto consta que neste tempo foi o seu gracioso banquete, pera o qual convidou a Dom Francisco de Almeida, Dom Vasco de Ataíde, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, e Francisco de Melo, e depois de os receber em ãa casa bem adereçada, e os sentar à mesa, que tinha muito composta, descobrindo-se os pratos acharam neles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vê na primeira parte das suas Rimas, com o que o banquete ficou assaz festejado, e celebrado então, e depois em toda a parte. Todos estes Fidalgos andavam em Goa no último ano do vizo-Rei D. Constantino, e na Sétima Década de Diogo do Couto se faz então menção deles. Deste tempo são também as oitavas que fez do desconcerto do mundo a D. António de Noronha, que depois governou aquele Estado, e outros muitos versos a vários Fidalgos que estão nas suas Rimas; dos quais se vê bem quão estimado andava o nosso Poeta de toda a fidalguia da Índia, e não com novas moléstias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, e lhe deram seus amigos, e foi nisto tão largo que em breve tempo tornou à pobreza com que começara; o que lhe

aconteceu por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinham em conta de mal considerado, não atentando que os generosos espíritos padeceram muitas vezes esta falta, porque não lhe sofre a grandeza do ânimo aplicar-se às cousas inferiores, e de interesse; assi lemos de Homero, Sócrates, Cartes, Marcial, Valério Flaco, e outros sublimes engenhos, que nunca procuraram de ser ricos, mas de enriquecer a todos com suas obras.

Em Setembro de 1561 teve successor no cargo o vizo-Rei Dom Constantino. E diz Diogo do Couto, que até seu tempo durou naquele Estado a primitiva Índia, em que os homens pretendiam somente ser valerosos, e honrados, e desprezavam o interesse; e que dali por diante começou a ser idolatrada a avareza, ao qual vício chama a Sabedoria Divina: Raiz de todos os males; e como este se foi apoderando daquele Estado, tem introduzido nele tantos, que parece já agora irremediável sua cura, se Deus milagrosamente lhe não acode.

Começou logo Luís de Camões a sentir esta declinação, porque não lhe valeu o favor que o Conde do Redondo novo vizo-Rei lhe fez (como se vê dos versos que lhe compôs) pera deixar de ser em seu tempo preso: e segundo parece, pelas culpas de que foi acusado na administração do officio da China. E não bastou livrar-se desta acusação pera sair do cárcere, onde esteve algum tempo, porque Miguel Rodrigues Coutinho fios secos, pessoa nobre, e rica o embargou na prisão por certo dinheiro que lhe tinha emprestado. De maneira, que lhe foi necessário a Luís de Camões socorrer-se de novo ao Conde vizo-Rei, como se vê daquelas redondilhas, que andam na segunda parte das Rimas, e começam:

*Que diabo há tão danado,
Que não tema a cutilada,
Dos fios secos da espada,
Do fero Miguel armado?*

Livre desta prisão continuou depois alguns anos em Goa, invernando em terra, e embarcando-se os Verões nas ar-

1561

D. Francisco
Constantino
vizo-Rei
1561

Dispositivo
jambão
Banquete

madras, onde compôs as mais de suas Odes, e Canções, como se delas vê, que todas falam com Neptuno, com as Nereidas, e outras Ninfas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades marítimas. Nos sucessos de guerra em que estas armadas se acharam, se mostrou sempre valeroso soldado, como quem não sabia voltar as costas aos inimigos. Nem lhe embotaram as letras a lança, antes lhe acrescentaram o valor, porque por isso fingiam os Antigos que a mesma Palas era Deusa das ciências, e das armas; e Luís de Camões serviu nestas ocasiões de maneira que sempre se louvou disso, como se vê no Canto X, estân. penúlt, falando com el-Rei Dom Sebastião, onde diz:

*Para servir-vos braço às armas feito,
Para cantar-vos mente às Musas dada, etc.*

e no Canto VII, estân. 79,

*Agora o Mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Nũa mão sempre a espada, e noutra a pena.*

É esta abonação que Luís de Camões dá de seu esforço de grande crédito, pelas muitas testemunhas vivas que tinha naquele tempo, e os Portugueses são tão rigorosos, censores da verdade, que não só não consentem a seus vizinhos gabar-se do que não têm, mas ainda às vezes lhe confessam dificulosamente o que na verdade possuem. Tinha já neste tempo composto o seu Poema heróico dos Lusíadas e como ele conhecia o grande preço desta obra, determinou de se embarcar para o reino a oferecê-la a el-Rei Dom Sebastião (que ainda então por ser de pouca idade não governava). Porém Pero Barreto o tirou deste pensamento, por o levar consigo a Moçambique, onde ia entrar por Capitão de Sofala. Foi-se com ele Luís de Camões movido de suas promessas, mas em breve tempo se viu desenganado delas. Pelo que chegando àquela Ilha a nau Santa Fé, que vinha para o Reino, se quis nela embarcar.

Acudiu a lho impedir Pero Barreto, e ou movido do desejo de o ter consigo, ou por quaisquer outros respeitos lhe pediu duzentos cruzados que gastara com ele na matalotagem de Goa até Moçambique. Vinham naquela nau muitos fidalgos amigos de Luís de Camões, em que entravam Heitor da Silveira, António Cabral, Luís da Veiga, Duarte de Abreu, e António Sarrão, aos quais deu notícia do que passava, e eles fintando-se entre si, pagaram esta quantia, e o trouxeram à sua conta até o Reino. Vinha também nesta nau Diogo do Couto, que depois foi Cronista, e primeiro guarda-mor do Tombo do Estado da Índia, o qual diz em ùa carta, que no ano de mil e seiscentos e onze escreveu a um amigo seu deste Reino, que por o ser grande de Luís de Camões lhe comunicou ele a obra dos seus Lusíadas, e que lhe pediu os quisesse comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte, como em sua vida se verá.

Chegou Luís de Camões a Lisboa na maior força da peste, que chamam grande, correndo o ano de mil e quinhentos sessenta e nove, e assi lhe foi necessário esperar que acabasse aquele mal para poder pôr suas cousas em ordem, e imprimir o seu poema; em que se passaram quasi dous anos, porque no de mil e quinhentos setenta e dous saiu à luz com esta admirável obra; e porque de sua milícia e peregrinações está bastantemente dito, falaremos agora da excelência de seu engenho, e doutrina, que nos varões doutos é o que principalmente se considera. 1565

Pera poder explicar as perfeições deste poema são necessários mais livros que os que gastou Macróbio em apontar os das Enéadas¹¹. Porque este género de poema, assi como tem o principal lugar na poesia, assi é tão dificultoso na composição¹², se se houverem de guardar perfeitamente todos os preceitos da arte, que des do princípio do mundo até o tempo do nosso Poeta não houve mais que quatro a quem se pudesse dar este louvor. Estes foram Homero entre os Gregos, Virgílio nos Latinos, Torquato Tasso en-

¹¹ Macrob. a liv. III, Satur. usq. ad totum sextum.

¹² Scaligerus Poetics., liv. I, cap. XIII.

tre os Italianos, e o nosso Poeta em Espanha. Com tudo entre estes, merece Luís de Camões particular louvor, porque ainda que não excedeu em tudo a todos, ao menos se aventejou a cada um em algũa parte, como logo veremos.

Partes
do poema
heróico.

O Poema heróico, a que os Gregos chamam Épico, tem cinco partes essenciaes (a que parece se reduzem todas as mais) que são: ser imitação de ùa acção heróica, honesta, útil, e deleitosa. O ser ùa só acção é cousa tão importante, que no poema Épico se tem por sua sustância, como se vê de toda a arte poética de Aristóteles, e funda-se este preceito na razão natural da imitação, e pintura, que mostra não se poderem imitar duas acções juntamente; e esta é a diferença que há entre o Poeta Heróico, e Historiador, porque o Historiador escreve a narração das cousas como aconteceram sucessivamente, mas o Poeta escolhe ùa só acção de um herói e essa refere, não pontualmente como foi, mas como convinha ser, ornando a narração com vários episódios, que são digressões de fábulas, acontecimentos, e enredos, com que com suavidade persuada aos que o lerem, e ouvirem: *Oportet igitur, diz Aristóteles, quemadmodum in aliis imitatricibus, una imitatio unius est, sic et fabulam, quia actionis imitatio est, uniusque esse, et hujus totius. E noutra parte: Fabula quidem est una, non quemadmodum nonnulli arbitrantur, si circa unum fuerit; multa enim, et infinita genere contingunt, ex quibus nonnullis nihil est unum: sic autem, et actiones unius multæ sunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heraclidem, et Theseidem, et huiuscemodi poemata fecerunt; putant enim, quia unus erat Hercules, unam et fabulam esse oportere. Homerus autem quemadmodum et cæteris rebus antecellit, et hoc videtur pulchre vidisse, sive propter artem, sive propter naturam; Odyseam enim faciens non complexus est carmine illo omnia quæcumque illi contingere, etc. Verum circa unam actionem, qualem dicimus Odyseam mansit, eodem pacto et Illiadem. O mesmo resolve Horácio na sua Poética dizendo: Denique, sit quodvis simplex duntaxat, et unum.*

Por faltarem neste essencial fundamento de ùa só acção Ovídio, Silo Itálico, e Lucano, se não têm por Poetas heróicos; e entre os modernos caiu também neste defeito Ludovico Ariosto, que no seu Orlando seguiu, e propôs

Erro de
Lucano,
Silo, Ovídio
e Ariosto na
multiplicação
das acções.

tão multiplicadas acções; cousa tanto contra os preceitos da Arte, o que verdadeiramente é muito de sentir em tão florido e ornado Poema, como de Ariosto, um dos mais engenhosos, e abundantes entendimentos que até seu tempo houve, porque por errar esta acção, não tomou a palma a muitos dos antigos e modernos, e se propusera, e seguira perfeitamente o furor de Orlando, que ele fez acção secundária, ainda tivera desculpa, mas propondo tantas acções, como são:

*Le done, i cavalier, l'arme, gli amori,
Le cortesia, l'audaci imprese io canto, etc.*

Errou muito, assi em as multiplicar, como em as propor primeiras. E se o que disse por acção secundária de Orlando:

*Diró de Orlando en un medesmo tratto
Cosa no detta in prosa, mai ne in rima,
Che per Amor venne in furore, e matto
Uomo che si saggio era stimato prima, etc.*

o propusera por primeira, pudera defender-se, e foram então menos e mais curtos os episódios, que por razão das acções multiplicadas acumulou, com que o Poema ficara mais proporcionado, e fermoso: ainda que sempre lhe faltara o principal, que é a qualidade da acção, pois por ser Fúria nascida de causa tão indigna, como os amores de Angélica, não deve ser imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte, havendo, como disse Horácio, de sujeitar a fertilidade do engenho aos preceitos dela ¹³.

*Ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius
Altera poscit opem res, et coniurat amice, etc.*

Este preceito de seguir ùa só acção guardou excelentemente o nosso Poeta propondo o descobrimento da Índia,

Acção
dos Lusíadas.

¹³ Horat. de Arte poetica.

o qual fez Dom Vasco da Gama com seus soldados, como se vê do discurso do poema, que começa navegando Vasco da Gama junto a Moçambique: e acaba quando o mesmo Capitão entrou em Lisboa. Porém na proposição, e título (como esta obra era de outros segundos Argonautas) seguiu a Apolónio Ródio, a quem se dá o primeiro lugar entre os Gregos, depois de Homero, o qual intitulou o seu poema, dos Argonautas, e na proposição não nomeou a Jasão Capitão da jornada, senão a todos os que cometeram aquela empresa, e assi começa ¹⁴:

*A te principium o Phæbe, priscorum laudes virorum
Memorabo, qui Ponti per os, et petras
Cyaneas, regis mandato Pelicæ,
Aureum ad vellus probe instructam transtris impulerunt Argo.*

Depois desta primeira acção tocou também Luís de Camões alguns dos principais episódios do Poema, o que por ser depois da principal acção proposta, não é defeito, segundo se vê em Homero, e Virgílio, que também propuseram estas acções secundárias, como julgará facilmente quem os bem considerar.

A segunda condição do Poema heróico é ser Acção Honesta, e digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, e principalmente heróica, é ensinar, incitar, e mover deleitando. Nesta parte excedeu muito Luís de Camões a Estácio na sua Tebaida, e a Claudiano no seu Rapto de Proserpina, porque ainda que estes Poetas acertaram mais que os outros em escolher ãa só acção, com tudo faltaram na qualidade dela; porque as suas acções não são verdadeiramente dignas de se imitar, que é o fim, e intento de toda a poesia, pois o argumento de Estácio foi o ódio dos dous irmãos Etéocles, e Polinices, acção indigna de ser sabida, quanto mais imitada; e a de Claudiano é o roubo de Proserpina, tanto mais aborrecível, quanto maior foi o roubador dele. O argumento do Poema heróico há-de ser

Acção heróica
honesta.

Erro
de Estácio
e Claudiano
na qualidade
da acção.

¹⁴ Apollon. Rhod., liv. I, Argonaut.

honesto para se imitar, e admirável para mover, e deleitar, no que Homero é digno de louvor em quanto conta os trabalhos que Ulisses padeceu até tornar à sua pátria, mas não na conclusão do Poema, com as mortes que deu privadamente aos pretensores de Penélope desarmados. A esta matéria se avantajou pouco a chegada de Eneas a Itália, e guerras sobre o Cervo que andando à caça feriu Ascânio, acções em que há pouco do grande, e admirável. E assi fica mui superior a todas elas o argumento do nosso Poeta, que trata do descobrimento da Índia, em que Vasco da Gama rodeou a maior parte da terra, vencendo com singular valor as forças dos elementos, as traições, e armas dos inimigos, fomes, sedes, estranheza de climas, injúrias dos tempos, e mostrou ao mundo o verdadeiro conhecimento de si mesmo, em que desde seu princípio até então estivera ignorante achando novas estrelas, e novos mares, comunicando o Oriente com o Ocidente, de que se seguiu dar aos povos da Europa a notícia de tantas drogas, frutos, e pedras em que a natureza se mostrou maravilhosa, e benigna para com os mortais, e aos moradores de Ásia o conhecimento das Artes, polícia, ciências de Europa, e sobre tudo do verdadeiro Deus, de que os mais deles estavam totalmente ignorantes. Por onde na qualidade da acção heróica fica o nosso Poema superior a todos os antigos, e modernos.

Nem obsta contra isto, dizerem alguns, que profanou o Poeta esta honestidade, e grandeza da acção com não guardar à Religião o decoro devido, invocando Musas, e fingindo Concílios de Deuses, indecentes a Poeta Católico, e que como tal devia antes invocar os Santos, e usar nas ficções de milagres e aparecimentos de Anjos, como alguns modernos fizeram. Porque a isto se responde: que notório é não ser a poesia outra cousa, senão ãa imitação, ou fábula, a qual traz sempre consigo, como parte essencial, a invocação das Musas do Parnaso, segundo a divisão dos Poemas, em que a Calíope coube o Heróico, e por isso é invocada nos Poemas Épicos, e esta fábula pertence somente à poesia, e só pelos poetas foi inventada. De maneira que até os antigos que adoravam aos outros Deuses gentílicos por verdadeiros, tinham as Musas por fingidas,

para o
fazer

porque bem sabiam, que nunca no Parnaso houvera tais Deusas, nem por essas eram tidas, nem adoradas das Repúblicas; sendo pois isto assi, claro fica que não usou Luís de Camões de termo algum supersticioso pedindo ajuda a divindades gentílicas (pois estas foram sempre conhecidas de todos por fabulosas) mas que guardou o estilo do Poema heróico segundo os Latinos, que é invocar as Musas depois de propor a acção, e assi continuou a poesia com os termos até então costumados de poetas Católicos, e gravíssimos, como foram Senáfaro no Poema de *Partu Virginis*, o Bispo Jerónimo Vide em quasi todas as poesias maiores, Baptista Mantuano, Religioso Carmelita nas suas vidas dos Santos, Joviano Pontano, Ângelo Policiano, Miguel Marulo, e outros que seria largo referir. Porém em não introduzir Luís de Camões Anjos, e Santos nas fábulas que fingiu, mais parece digno de louvor que de repreensão, porque é indecência grandíssima usar dos nomes dos Santos para fábulas profanas, com a mesma facilidade com que os Gentios o faziam, e assi é muito de caluniar, que nos Poemas de Torcato, e Ariosto andem os Anjos, e Santos falando com os Cavaleiros andantes, e trazendo-lhes recado do Céu, e que São João Evangelista leva a Astolfo sobre o globo da Lua, a mostrar-lhe o siso de Roldão, que estava metido em ãa redoma de vidro. Não se hão os Santos de tomar na boca, nem na história para matéria de entretenimento, mas há-se de escrever deles com toda a reverência, e decência devida, que não se compadece misturar as cousas sagradas com as profanas. Além de ser inconveniente grande em um livro que trata de argumento verdadeiro, e em que se hão-de referir verdadeiros milagres, escreverem-se milagres fabulosos, sem se diferenciarem uns dos outros, com que os leitores ignorantes, podem cair em erro de não conhecerem quais devem de ser cridos. Por tanto querendo o Poeta evitar tão grandes inconvenientes, usou dos nomes dos Deuses gentílicos por matéria comum, e notória de fingimentos poéticos, com que ninguém se podia enganar, mas nas cousas verdadeiras, guardando inteiramente o decoro à Religião, introduziu sempre a Vasco da Gama, falando com toda a piedade Católica;

de maneira que os milagres verdadeiros, e cousas santas, as trata com a decência, e gravidade devida, e as ficções ficam conhecidas de todos, vendo-se que são fábulas notórias. Este mesmo estilo guardaram os mais dos Poetas acima nomeados, a quem podemos acrescentar Claudiano, que segundo a melhor opinião, e mais universal foi Católico, e usou destas invocações, e concílios de Deuses com maior liberdade do que vemos nos Lusíadas. Quanto mais que Luís de Camões não fez estas ficções dos Deuses acaso, senão com muita consideração, introduzindo debaixo destas fábulas ãa excelente alegoria (a que os Poetas chamam a alma da fábula) e assi entendeu de baixo do nome de Júpiter, e Deuses, a divina Providência, e os espíritos Angélicos, per que governa o mundo, dos quais os bons nos ajudam, e os maus nos empecem. E é tão antigo este pensamento, que até alguns dos primeiros Filósofos, que estas deidades inventaram, não quizeram entender outra cousa nelas, como se vê largamente de S. Agostinho na sua Cidade de Deus, e ainda da Canónica de S. Pedro que por razão do tal intento (segundo S. Jerónimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano¹⁵ chama a estas fábulas doutas; porém como estes Filósofos pela falta do lume da Fé caíram em muitos erros, e deram com estas fábulas causa à Idolatria, foram condenadas do Apóstolo no dito lugar dizendo: *Non doctas fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Jesu Christi virtutem, et presentiam*, etc. mas hoje que não há este perigo, com os exemplos e razões já alegadas tem lugar a Alegoria que o Poeta nelas entendeu como imitando Virgílio no fim do sexto da Eneida, explicou nestas Oitavas em que introduz a Tétis declarando a Esfera a Dom Vasco da Gama, onde falando do Céu Império, diz assi:

*Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, somos fabulosos,
Fingidos do mortal e cego engano.*

¹⁵ Just., in cap. I, epíst. II, Petr. vers. 16, n.º 3.

*Só pera fazer Versos deleitosos
Servimos, e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.*

*E também porque a Santa providência
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudência,
Governa o Mundo todo que sustenta.
Ensina-lo a Profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta
Os que são bons guiando favorecem,
Os maus em quanto podem nos empecem.*

*Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que antiga poesia
A seus deuses já dera fabulando,
Que os Anjos da celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando.
Nem nega que esse nome preeminente,
Também aos maus se dá, mas falsamente.*

Por tanto assi pelas razões, como pelos exemplos, fica Luís de Camões nesta parte livre de toda a calúnia.

Com tudo outra nos resta ainda neste ponto a que responder, e é dizer-se também que foi o nosso Poeta pouco honesto nos episódios de tão honesto Poema, o que tem fácil resposta, porque como o argumento dos Lusíadas era tão grave, foi necessário variá-lo com alguns episódios alegres pera entreter os leitores, e para isto fingiu a deleitosa Ilha de Santa Helena e os esposórios que nela celebraram Vasco da Gama, e seus soldados com as Ninfas do Oceano, imitando os Poetas antigos, e modernos, que todos meteram nos seus Poemas estes episódios amatórios, como se vê em Homero nos amores de Calipso, e de Vénus, e Marte, em Virgílio nos da Rainha Dido, e em Apolónio Ródio, e Valério Falco nos das damas de Lemos com os Argonautas; e finalmente nos mais de Torcato Tasso do seu Poema heróico. Mas nesta parte levou ainda Luís de Camões grande ventagem

aos referidos, por quanto eles não pretenderam declarar algũas alegorias debaixo destas fábulas (que como dissemos é a alma do Poema) antes se vê que não tiveram nelas outra tenção, senão deleitarem aos leitores (posto que a fábula de Calipso sofra mais alegoria que as outras) e o nosso Poeta debaixo dos nomes daquelas Ninfas quis entender a glória, fama, memória, honra, maravilha, e todas as mais preeminências, que participam os Varões ilustres, e esforçados, por prêmio de suas obras com as quais seus nomes ficam perpetuamente unidos na lembrança dos homens, como se vê nestes versos Canto IX, estânc. 89:

*Que Ninfas do Oceano tão fermosas,
Tétis, e a Ilha Angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada;
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
Da palma, e louro, a glória, e maravilha
Estes são os deleites desta Ilha.*

Como com estas palavras ficava a alegoria tão clara, não se podem imputar por indecência ao Poeta os termos dos esposórios com que a trata; porque esta participação da imortalidade da fama, significaram sempre os antigos per casamentos, com que fingiam todos os Heróis ou casados, ou aparentados com as Deusas.

A utilidade que deste Poema se alcança não se pode explicar em poucas palavras, porque não há ninguém que o leia que não fique inflamado de um admirável desejo de glória, e de empregar a vida em feitos ilustres, aventurando-a pela fé, pelo Rei, e pela pátria. Aqui se vêm as partes, e experiência que hão-de ter os conselheiros, o zelo, e o que os ministros superiores devem entender no bem público, e o prêmio que se deve dar aos que bem trabalham. Na pessoa de Vasco da Gama se representa um excelente modelo de prudente, e heróico Capitão, e nas dos Reis de Portugal, o exemplo de um perfeito Príncipe. E se não deu este louvor a todos os que reinaram neste Reino, foi porque o Poema

*chava de
alguma
ilha?
honra
ninfas
id-e
de st
Riondo*

heróico quando se funda em história verdadeira, que é mais perfeito, ainda que pode acrescentar a verdade do que passou, não pode contrariar ao que passou na verdade, de maneira que nem Virgílio pudera dizer que Aquiles fora morto per Heitor, nem Homero, que Aquiles matara a Páris, e assi referem ambos estes Poetas muitos vícios dos seus Príncipes, e Rainhas, por não ser lícito à poesia encontrar nesta parte a verdade da História, da qual guarda este, e outros muitos preceitos. Pelo que deste Poema se podem tirar excelentes regras para a vida política, e moral.

O estilo deleitoso com que estes preceitos vão acompanhados não reconhece em toda a antiguidade superior, e dificultosamente lhe poderemos dar semelhante, porque deixando a dissonância que os antigos achavam nos versos de Homero, como refere Josefo, liv. 1, contra Apianum, e os muitos que deixou Virgílio por acabar na sua Eneida, a facilidade, e consonância deste nosso Poema é tal, que não parecem os versos compostos per artificio, mas ditados da mesma natureza. E naqueles lugares que em a Poética de Aristóteles se chamam, Patéticos, ou Alteradores do ânimo, move os affectos com palavras tão próprias, e veementes, que com suma eficácia faz força a quem os lê, de maneira que fica participante das paixões que se contêm encobertas debaixo daquelas palavras: imprimindo um generoso alvoroço quando trata da guerra, alegria na festa, gravidade nas acções dos Príncipes, compaixão na adversa fortuna, e finalmente ãa admirável suavidade em todas as partes do Poema. Porém nas comparações, e descrições se aventaja tanto, que em certo modo se vence assi mesmo; porque com tanta viveza as pinta, e exprime que parece se representam à vista, e não ao sentido interior.

É também a erudição parte do estilo deleitoso, e a muita de que o nosso Poeta illustrou o seu Poema é assaz notória, não havendo nele Estância que não tenha particular conceito, doutrina, ou pensamento peregrino, de maneira que não se achará Poema nenhum, onde em tão breve escritura se tocassem tantos, e tão doutos passos de

lição vária, como nos seus Lusíadas, porque quasi não há nas letras humanas lugar insigne de fábula, antiguidade, história, Matemática, e qualquer outra ciência que nele se não achem, e quanto isto é mais ordinário neste Poema, tanto é mais de admirar nele, sendo esta parte da Poesia a mais dificultosa de todas. Porque como o principal intento nela seja mover affectos do ânimo, não se pode alcançar este efeito ornando com elocução e erudição estes lugares, como já o notou excelentemente Aristóteles nesta sentença: *Oportet laborare in ignavis partibus, et neque moratis, neque sententiarum acumine ornatis, occulit enim valde splendida locutio mores et sententias.* Isto tem acontecido a muitos em Espanha, que se fizeram duros, e ásperos encobrendo a força dos pensamentos com os ornamentos das palavras, de que é bom exemplo Francisco de Herrera. Porém Luís de Camões soube tomar tal meio nesta dificuldade, que não há versos que mais movam o sentimento que os seus, nem onde juntamente se veja a oração mais erudita, e composta. Fazem assi mesmo por esta parte a novidade, e excelência dos episódios, nos quais quasi nenhum outro Poeta se lhe pode igualar; porque os mais de Virgílio são imitados de Homero, como o banquete de Dido, a Relação que ali fez Eneas da perda de Tróia, seus trabalhos, e viagem, os jogos de Sicília, a jornada do Inferno; e assi teve neles pouco louvor. E Torcato Tasso não se melhorou com as fábulas dos seus encantamentos, e cavaleiros andantes: porque ainda que elegeu fábulas possíveis, tem muito do improvável, o que é contra os preceitos de Aristóteles que diz que nos episódios devemos escolher antes os impossíveis prováveis, que não os improváveis possíveis: *Eligere impossibilia et verisimilia potius, quam possibile, et nullo modo probabilia.* Este preceito guardou Luís de Camões excelentemente, porque depois de imitar a Virgílio em fazer a acção composta, e não simples, com referir D. Vasco da Gama sua viagem a el-Rei de Melinde, introduz o episódio da descrição de Europa, e história de Portugal, com as profecias do velho, e Adamastor, admiravelmente; depois na figura de Monsaide contra os ricos do Oriente, fez um novo conselho dos deuses marítimos, e a descrição do Reino

de Cupido no monte Idálio. Não é menos excelente a pintura da Ilha de S. Helena, o banquete que nela deu Tétis a D. Vasco da Gama e seus companheiros, a música da Sereia que cantou os Capitães ilustres Portugueses que depois haviam de conquistar a Índia, e finalmente a descrição dos Globos celestes, e Geografia das Províncias novamente descobertas. Quasi todos estes episódios foram pensamentos novos, e peregrinos, e tratados com tanta graça e artifício que juntamente ensinam, admiram, e deleitam, porque não há na Arte do bem dizer tropos nem figuras que aqui se não vejam exercitadas: variando o estilo, ora grave, grandíloco, e veemente, ora florido, brando, e ainda jocoso; porque como o Poema heróico é um meio entre o trágico, e cómico, assi participa segundo Aristóteles da gravidade da Tragédia, como da graça da Comédia. Por onde Homero em muitas partes da Odisseia e Ilíada introduz histórias jocosas, como foi a da prisão de Vénus, e Marte na rede de Vulcano, e outros casos quasi semelhantes de Júpiter e Juno; a peleja do pobre Hiro com seu competidor em casa de Penélope, e outros muitos em que o mesmo Poeta refere o riso a que com elas se moveram até os mesmos seus Deuses, e Virgílio também no seu V liv. descrevendo os jogos que Eneas fez a seu pai Anquises segue no estilo jocoso as Regras que neste particular se devem guardar na poesia heróica. De maneira que Luís de Camões assi nesta parte como nas mais se mostrou excelente Poeta, e com esta sua obra ficou enriquecida grandemente a língua Portuguesa; porque lhe deu muitos termos novos, e palavras bem achadas, que depois ficaram perfeitamente introduzidas. Posto que nesta parte não deixaram alguns escrupulosos de o condenar, julgando-lhe por defeito as palavras alatinadas que usou no seu Poema. Porém desta censura o absolverá com facilidade quem tiver notícia das leis da poesia, e da licença que é concedida aos Poetas para fingir, e derivar novas palavras, por que como tem obrigação de falar ornadamente, não podem deixar de enriquecer seus versos com palavras, ou novas, ou transferidas, que são as condições que ensinam os Retóricos para a Oração ficar com majestade, e fora

do estilo humilde, e vulgar. Assi o aconselha Aristóteles na sua Poética, dizendo: *Locutionem apertam, et non humilem esse: apertissima quidem igitur est ea, quæ ex propriis nominibus, sed humilis: exemplum autem Cleophontis poesis, et Steneli. Grandis autem, et immutans vulgarem rationem, quæ peregrinorum speciem habentibus utitur. Peregrinorum autem, similia dico, linguam, et translationem, et productionem, et omne quod præter proprium, etc.* Neste lugar discorre Aristóteles largamente sobre esta matéria, e defende a novidade dos termos que usou Homero contra os que por esta razão o caluniavam. O mesmo afirma Isócrates, pai da Eloquência Grega, dizendo na vida de Evágoras: *Poetis multa dantur quibus ornare suum Carmen possunt. His enim et Deorum cum hominibus congressus, tum disceptationes, et certamina quibus, cum volunt, fingere licet, et cum hæc narrare voluerint non eadem verborum lege, qua Oratores astringuntur. Itaque non solum verbis usitatis, verum etiam novis, translatis, et peregrinis, et omni denique dicendi genere, suam poesim ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est, etc.* Esta licença concede mais largamente Horácio aos Poetas Latinos, porque não só lhes permite, que usem dos vocábulos antigos que já não estão em costume, mas que finjam de novo os que quizerem, com tanto que se derivem da língua Grega, diz ele:

*Et nova, fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadant, parte detorta; quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio Varioque? Ego, cur, acquirere pauca
Si possum, invideor; Quum lingua Catonis, et Enni
Sermonem patrium ditaverit: et nova rerum
Nomina protulerit? Licuit semperque licebit
Signatum præsentem nota, producere nomen, etc.*

Também Túlio Príncipe dos Oradores confirma este privilégio aos Poetas dizendo no seu Orador: *In utroque frequentiores sunt, et liberiores poetæ, nam et transferunt verba cum crebrius, tum etiam audacius; et priscis libentius utuntur, et liberius novis.*

Deste privilégio usou tanto Virgílio, que além de declinar muitos nomes Latinos pelas terminações Gregas, e falar

pelas frases daquela língua, escreveu per palavras tão fora do uso ordinário que Macróbio gasta não pouca leitura em mostrar os fundamentos que para isto Virgílio teve, dizendo que todas aquelas palavras traziam sua origem da antiguidade Latina, e foram em seus princípios usadas. Do mesmo modo falou Torcato, e tanto se valeu do antigo Toscano, e da língua Latina, que destas palavras novas lhe notaram um particular vocabulário. Com estes exemplos fica bem livre o nosso Poeta da calúnia que lhe impõem das palavras alatinadas, as quais são tão próprias, e naturais à nossa língua, que se escusam os Vocabulários de Torcato, e Virgílio, e se entendem de todos igualmente com o romance Português.

Cai assi mesmo debaixo do estilo deleitoso a boa proporção do mesmo Poema, o qual pera ser perfeito há-de ser fundado sobre história verdadeira, e admirável, de algum varão insigne em Virtude, e valor, e a história não há-de ser larga, porque havendo-se-lhe de acrescentar os episódios, será o volume demasiado, e não tendo episódios ficará o Poema seco, e sem ornamentos que deleitem. Nem menos será de cousas tão antigas que já não estejam na memória dos homens, nem tão modernas que sejam vivos os de quem se escreve (o que todavia se entende, na acção principal, e não nos episódios, onde se introduzem profecias que falam dos presentes). Nem se há-de contar a história sucessivamente, mas começando no meio dos sucessos, alcançar-se-á depois a notícia do precedente com súbito conhecimento. Estes e os mais preceitos da arte se vêem tão bem guardados neste Poema como a quem quer que o lê é notório. Pelo que pudera bem ser, que se Aristóteles o alcançara não gastara tantas palavras em louvar os de Homero.

Mas se por veneração da antiguidade se não conceder a palma a este nosso Poema entre todos os heróicos, ao menos seguramente se pode julgar por igual ao melhor deles. Deste tão alto merecimento, e grande benefício que a pátria recebeu com tal obra, ficando tão ilustrada por seu meio, não teve Luís de Camões galardão algum, porque a mercê que lhe fez el-Rei Dom Sebastião de ũa pequena tença é tal que em sua comparação justamente

lhe podemos chamar nenhũa. E ainda que muitos atribuam isto (a) desgraça do Poeta, eu lho julgo por ãa grande felicidade; porque não a pode haver maior para um varão insigne que achar ocasião de exercitar algũa excelente virtude, e neste caso se mostrou bem a grande generosidade de Luís de Camões; pois só por amor da pátria, ocupou seu ingenho em ilustrar com suas obras este Reino, e immortalizar seus naturais; e foi tão inteiro na verdade, e alheio de lisonja, que podendo receber prémios de muita consideração por referir nesta obra pessoas particulares, só tratou nela daqueles varões ilustres, que de todos são universalmente conhecidos por tais: como o testifica claramente na estân. x do primeiro Canto em que diz a el-Rei Dom Sebastião:

*Vereis amor da pátria não movido
De prémio vil, mas alto, e quasi eterno.
Que não é prémio vil ser conhecido,
Por um pregão do ninho meu paterno.*

E no Canto VII, estânc. 83, pedindo favor às Ninfas do Tejo:

*Dai-mo vós sós que eu tenho já jurado
Que não no emprego em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.*

Desta tal inteireza, e verdade esteve muito alheio Homero, do qual refere Dião Crisóstomo Orat. II, de excidio Illii: que andando mendigando pelas Cidades de Grécia, vendeu por dinheiro os louvores, que na sua Iliada dá indignamente a muitos homens particulares, e a Virgílio deu Octávia irmã de Augusto cem mil réis por cada verso, dos vinte um que escreveu de Marcelo seu filho, e do que lhe deram os amigos deixou depois por herdeiro a Augusto em duzentos e cinquenta mil cruzados, como aponta Budeo ¹⁶,

¹⁶ Bud. de Asse, liv. III.

seguindo a Sérvio, e a Donato; pelo que não é muito que ele deduzisse a família dos Júlios de Julo, a dos Mémios de Mnesteu, a Sérgia de Sergesto, e de Cloanto a Cluenta¹⁷, cousas todas fabulosas, e inventadas dele mesmo, só para lisonjear os poderosos daquele tempo, como o nota doutamente Cipião Amirato¹⁸. Quão longe esteve deste vício Luís de Camões se vê claro no que escreveu, pois nem ainda o Conde que então era da Vidigueira lhe fez favor algum em remuneração de quanto diz naquele Poema do grande D. Vasco da Gama, como ele o testefica dizendo no Cant. V, estânc. 99:

*Às musas agradeça o Nosso Gama
O grande amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome, e fama,
De toda a illustre e bélica fadiga.
Que ele, nem quem nã estirpe seu se chama,
Caliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de ouro fino, e que o cantassem.*

Este foi Luís de Camões na composição dos seus Lusíadas. Porém nas outras partes da poesia não merece menor louvor, por guardar nelas os preceitos da Arte perfeitamente. Nos versos pequenos se houve com tanta eloquência, e graça, que Lopo da Vega no prólogo do seu Santo Isidoro lhe dá o primeiro lugar; e verdadeiramente foi tão abundante de conceitos, e tão fácil em os pôr em verso, que não sei de qual destas cousas nos possamos mais admirar, porque sendo muitas vezes os motes sequíssimos, e incapazes de bom pensamento, é tanto o que acha que dizem em qualquer matéria, que parece incrível, ainda depois de visto, e a suavidade do verso sempre tão corrente, e fácil que parece se não podia dizer aquilo por outro melhor, nem mais

¹⁷ Aenea, liv. v.

¹⁸ Famil. Napolitan. de Sepione Amirato Disc. I.

gracioso modo. Nas Odes e Canções seguiu o estilo grandíloco, e assi participam da majestade dos seus Lusíadas.

Cuidam alguns que esta frase grandíloca, que se vê em parte das suas églogas, lhe faz exceder o decoro que se deve guardar ao sujeito pastoril, não se lembrando de Virgílio que nas suas Bucólicas introduz argumentos muito superiores àquele sujeito, como é o da quarta égloga, que trata só da profecia da Sibila Cumea, e o da sexta, em que Sileno discorre pela fábrica do mundo, e histórias mais notáveis dele, o que tudo excede grandemente o modo pastoril. Pelo que pois Virgílio, a juízo de todos os Críticos, não merece censura em exceder o decoro nestes argumentos, muito menos a merece Luís de Camões por exceder só nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, assi das Églogas Pastoris, como das Piscatórias. Antes é digno de muito louvor neste género de poesia, por ser o primeiro que destas duas espécies fez um mixto, compondo as Églogas de Pescadores, e Pastores juntamente, por pessoas de diálogo; como se vê na que dedicou ao Duque de Aveiro que começa:

*A rústica contenda desusada
Entre as Musas do Bosque e das Areias, etc.*

onde mais abaixo diz:

*Vereis (Duque sereno) o estilo vário
A nós novo, mas noutro mar cantado
De um que só foi das Musas secretário.
O Pescador sincero que amansado
Tem o pego de Pócrita co canto,
Pelas sonoras ondas compassado,
Deste seguindo o som que pode tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo Estilo, e novo espanto, etc.*

Nas comédias seguiu a forma que então se praticava, e ainda assi introduziu já algũas prosas imitando os engenhos Italianos, e ao nosso Francisco de Sá, que deixaram os

versos, em que os Gregos e Latinos as escreveram; porque como tinham muita diversidade deles, escolheram os que mais se achegavam ao falar solto, o que entre nós não pode bem ser pela obrigação dos consoantes, mas ainda assi traduziu excelentemente a dos *Anfitriões* de Plauto. Outras traduções fez também em verso, em que se não mostrou menos elegante, como foi a Elegia da paixão de Sanasaro, o Salmo: *Super flumina Babylonis*, a fábula de *Biblis*, e a de *Narciso*, e outras. Também se acham algũas obras suas em prosa solta, as mais delas de matéria jocosa, e estilo metafórico, que era o que então se prezava muito na Corte; por o ter introduzido Fernão Cardoso, que foi nele eminente, ainda que Luís de Camões o usou com mais polícia e facilidade.

De todas estas obras se pode bem conhecer a grandeza do engenho de seu Autor, e a universal notícia que teve das ciências e letras humanas; porque quem considerar seus escritos achará que teve conhecimento da língua Grega, da Filosofia, Teologia, Matemáticas, histórias humanas, e que foi tão geral em toda a matéria, que em qualquer faculdade que trata parece professor dela. Pelo que se em algũas de suas obras se achar a caso cousa que desdiga do que se espera de tal autor não se deve imputar o defeito a ele, senão ao tempo, e aos copiadorez, porque como seus versos andaram tantos anos, antes de se imprimirem tresladados de várias mãos, com facilidade se poderiam corromper, como vemos aconteceu às melhores obras da Antiguidade; e em particular a esta causa se atribuíram (como já disse) as dissonâncias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano. Quanto mais que como Luís de Camões não fazia estas Rimas para as imprimir, mas conforme a ocasião e tempo lhe davam lugar, não iam muitas delas com aquela perfeição com que as acabara, se gastara nisso o tempo que gastava Virgílio, o qual dizia que aperfeiçoava os seus versos como o parto da Ursa.

Por todas estas partes foi Luís de Camões tão louvado, e conhecido no mundo, que Fernando de Herrera, chamado de muitos o Divino, só a ele dava ventagem, e o excelente Torcatto Tasso confessava que só a ele temia, e se admirou tanto de ver os seus *Lusíadas*, que inflâmado

nos louvores do Autor publicou o que dele sentia neste soneto, que não ficou pera ele menos honroso que pera quem o compôs¹⁹:

*Vasco le cui felice, ardite antene
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer cola ritorno,
Ne egli par che di cadere, accenne.
Non piu di te per aspro mar sostiene
Quel che fece al Cicople oltraggio, e scorno
Ne chi turbó l'Arpie nel suo soggiorno,
Ne die pui bel subietto a colte penne.
Et hor quella del colto, i boun luigi,
Tanto oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge,
Onde aquelli a cui s'alza il nostro Polo,
E achi ferma in contra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.*

O grande conceito que Lopo da Vega celeberrimo Poeta de nossos tempos, faz do nosso Luís de Camões se vê bem em seus escritos, dando-lhe sempre o epíteto de excelente. E o Mestre Francisco Sanches Brocense, assaz conhecido em toda Espanha por sua rara erudição, lhe não dá menores títulos, tratando do respeito que se deve ter aos escritos de Virgílio, e doutros semelhantes Poetas, como se vê destas palavras: *Digo esto por la veneración en que haviamos de tener a los Poetas, siendo tales que verdadeiramente merescan este nombre. Tal me parece a mi Luis de Camões Lusitano, cuyo subtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lenguas, delicada vena, muestran claramente no faltarle nada para la perfeccion de tan alto nombre, etc.* O Padre Cristóvão Del-Río e D. Fernando Alvia de Castro, o põem entre os melhores do mundo²⁰; Cristóvão Soares de Figueiroa, varão insigne nas letras humanas, na vida do Marquês de Canhete, o iguala com Homero, e o aplauso universal de todos lhe dá o Título de Príncipe

¹⁹ Rime di Tasso, P. 3, in Venet. ann. 1608, fol. 111.

²⁰ Del Rius in Traged. Senec. Castro na dedicatória dos Aforismos.

dos Poetas²¹; o que na verdade parece se lhe deve justamente, porque se muitos homens doutos de Europa reconheceram à nação Portuguesa ãa certa superioridade na poesia, como entre outros o confessa o Autor da Bibliotheca Hispana²² dizendo: *Lusitani in poetica, ut et in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti*, etc., com razão se pode dar o nome de Príncipe dos Poetas a Luís de Camões, pois ele tem o principado entre todos os Portugueses.

Porém, se na estimação de tantos autores graves está igual a Virgílio e Homero, também parece que lhe não ficou inferior nos prodígios que se deles em suas vidas contam; porque foi seu engenho tão singular, que não faltam curiosos que digam, que muitos séculos antes foi pronosticado ao mundo o seu Poema pela Sibila Cumea, porque assi como qualquer grande perfeição em ãa ciência, ou arte não se pode alcançar sem particular concurso do Céu, assi parece que ordena algũas vezes seja isto pronosticado aos homens muitos tempos antes que aconteça. Vê-se esta profecia na quarta Égloga de Virgílio, a qual foi toda tirada dos versos da Sibila, em que profetizou a felicidade que havia de haver no mundo depois do nascimento de Cristo nosso Senhor, onde diz que o Poeta que havia de cantar a história dos segundos Argonautas venceria na poesia a todos os passados; e desejando Virgílio ser este que a Sibila pronosticava, diz ao filho de Polião (a quem ele erradamente applicou esta profecia) que se lhe a ele caísse a sorte de ser este Poeta, estava certo que havia de vencer na poesia até aos mesmos Deuses, e inventores dos Versos:

*O mihi tam longe maneat pars ultima vitæ
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta,
Non me carminibus vincet nec Thracius Orpheus,
Nec Linus, huic mater quamvis, atque huic pater adsit
Orphei Caliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet,
Pan etiam Arcadia dicet se iudice victum.*

²¹ Ciguença de S. Hier., 3.^a P., liv. II, cap. XLII.

²² Tom. II, tit. Poetæ sacri.

E certamente que este pensamento está fundado em boa razão, porque se a glória que os antigos Argonautas e Aquiles alcançaram, foi mais pelos excelentes versos em que foram cantados, que pela grandeza das façanhas que obraram, como afirmava Alexandre²³, com quanta mais razão parece que não deviam ficar inferiores nesta parte aos primeiros Argonautas os nossos segundos Argonautas Lusitanos, de quem, segundo Bócio, e muitos outros, ali fala a Sibila à letra, pois a nossa navegação, e os heróicos feitos que os Capitães Portugueses fizeram na Índia, excederam tanto aos dos Argonautas e Aquiles, que não sofrem comparação algũa. E não somente podemos aplicar a Luís de Camões os versos referidos da Sibila; mas também dar-lhe aquele lugar que em Romana coroação de Petrarca deixou desocupado entre Apolo e as Musas, no monte Parnaso, aquele grande Astrólogo Barbante Sênes, per cujo discurso aquela rica história se pintou: dizendo que o mereceria um Poeta Ocidental de língua bárbara (assi chamavam então os Italianos às de Espanha) que andando os tempos havia de vir ao mundo. Concluamos logo que se o nosso Poeta não cedeu no engenho a Virgílio e Homero, tão pouco lhe cedeu nas maravilhas do nascimento; e com mais razão nos podemos persuadir que as houvesse em um Poeta católico, que nos gentios.

Não foi menor a opinião que Luís de Camões alcançou na pátria que a em que o tiveram os estrangeiros: porque ainda que lhe faltaram com os prémios devidos a seus merecimentos, foi tido em grande estima dos maiores senhores, e mais prezados daquele tempo, como foram o Duque de Bragança Dom Teodósio e o Duque de Aveiro Dom Jorge, o Conde que depois foi do Vimioso D. Francisco de Portugal, D. Manuel de Portugal seu tio, o vizo-Rei D. Constantino, o conde d'Atouguia D. Luís d'Ataíde, o Conde do Redondo, e outros que fora largo contar. Nem era de menor valor a mercê que recebeu das senhoras D. Francisca de Aragão, D. Guiomar Blasfê, e da senhora Infanta D. Ma-

²³ Cic. pro Archia. Plutar. in vita Alex. Boz. de sign. Eccles. Ortel. Ariost. cant. xv, Torcat. cant. xv.

ria, como se vê em suas obras. Também referem muitos fidalgos daquele tempo, que quando sucedeu neste Reino el-Rei D. Filipe o prudente, depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligência por Luís de Camões, e sabendo que era falecido mostrara disso sentimento, porque desejava de o ver por sua fama, e fazer-lhe mercê. De maneira que a pobreza em que viveu, não lhe abateu entre os Príncipes a grande opinião que a suas obras se devia, e se as riquezas fugiram dele, ou foi pelas razões que o Plutão de Luciano dava contra Timon, ou por ele fazer pouco pelas adquirir, ou por seus merecimentos serem muito grandes: pois é certa a sentença de Tácito, que os benefícios são agradáveis em quanto se podem recompensar, mas que passando deste termo tem o desagradecimento em lugar do prémio ²⁴.

Desta geral reputação que os naturais e estrangeiros tinham dele, não é muito lhe nascesse a estima grande, que de si tinha, louvando, e abonando seu engenho em muitas partes dos seus Lusíadas, e mais obras: o que alguns lhe atribuíram a vício, não atentando que é impossível não se conhecer um bom entendimento a si próprio, e ter verdadeira opinião de suas cousas. Aristóteles diz ²⁵, que o varão grande, se se não tiver por tal, não o será: *Esse sane magnanimus is videtur, qui cum magnis sit dignus, magnis quoque semet dignum existimat: nam quis non pro dignitate id facit, stolidus est; at virtute præditus neque stolidus, neque stultus est quispiam*, etc. E noutro lugar: *Magni enim viri, honore se ipsos dignos maxime existimant, ac pro dignitate illi quidem*. E o mesmo afirma Baltesar Castilhone no seu Perfeito Cortesão, e lhe permite louvar-se em seu tempo e lugar conveniente, dizendo na pessoa de Guaspar Palavicino ²⁶: *Ho conosciuti pochi huomini eccelenti, in qual si voglia coza, chi non laudino se stessi; e par me che molto bem comportare lor si possa. Per che chi si sente valere, quando si vede non esser per le opere conosciuto, si sdegna che il valor suo sia sepolto. Et forza e che a qual che modo lo scopra, per non essere defraudato de le honore, che e il vero premio de le virtuose fatiche: Pero tra*

²⁴ Tacit. liv. iv, histor.

²⁵ Liv. iv, Etic., cap. iii.

²⁶ Il Cortesan., liv. i.

gli antichi scrittori chi molto vale, rare volte si astien di laudar se stesso, etc. E Túlio na sua primeira Tusculana resolve, que aquele célebre Oráculo *Nosce te ipsum*, não foi dito, para sabermos as misérias do corpo, mas pera cada um conhecer as excelências de seu próprio ânimo, e entendimento. Porém ainda que não houvera as autoridades de tão doutos varões, bastantemente ficava o nosso Poeta desculpado com ser este o uso comum de todos os Poetas, como diz o mesmo Túlio, *Tusculanarum quæst. lib. V: Adhuc neminem cognovi poetam, qui sibi non optimus videretur*. E ad Atticum epist. xxii: *Nemo umquam, neque poeta, neque orator fuit, qui quemquam, meliorem quam se arbitraretur*. Bom exemplo é desta opinião Homero na pessoa de Demódoco, Virgílio em muitos lugares, e Horácio liv. i, Ode I, em que se finge coroado entre os Deuses dizendo:

*Me doctarum ederæ præmia fontium
Diis miscent superis.*

E no liv. ii Car. escreve toda a Ode 20 em seu louvor, que começa:

*Non usitata nec tenui ferar
Penna, biformis per liquidum æthera
Vates, etc.*

E no Terceiro, Ode 30:

*Exegi monumentum ære perennius,
Regalique si tu pyramidum altius:
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit eruere, aut innumerabilis
Annorum series, et fuga temporum, etc.*

O mesmo faz Ovídio em muitos lugares, e em particular no liv. iv De Tristibus Eleg. 10, dizendo assi:

*Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti
Nomen, ab exequiis quod dare fama solet.
Nec qui detractat præsentia livor, iniquo
Ullum de nostris dente momordit opus.
Nam tulerint magnos cum sæcula nostra poetas,
Non fuit ingenio fama maligna meo.*

*Cumque ego præponam multos mihi, non minor illis
Dicor, et in toto plurimus orbe legor.
Si quid habent igitur vatum præsentia veri.
Protinus ut moriar non ero terra tuus, etc.*

Estácio liv. XII, da sua Tebaida:

*O mihi bisseos multum vigilata per annos
Thebai! iam certe præsens tibi fama benignum
Stravit iter, cæpitque novam monstrare futuris.
Iam te magnanimus dignatur noscere Cæsar,
Itala cum studio discit, memoratque iuventus.
Vive precor, nec tu divinam Æneida tenta,
Sed longe sequere, et vestigia semper adora.
Mox tibi si quis adhuc præterdit nubila livor
Occidet, et meriti post me referentur honores.*

E Sanasaro na sua IV Piscatória não quis deixar de lembrar que ele fora o primeiro que trouxera as Églogas até então Pastoris aos Pescadores:

*Nunc litoream nec despice Musam,
Quam tibi post sylvas, post horrida lustra licæi,
(Si quid id est) salsas deduxi primus ad undas;
Ausus inexperta tentare pericula cymba.*

Dos outros vulgares não há que referir mais exemplos, pois todos os trazem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razão com que nesta parte pode ser o nosso Poeta notado.

Depois que Luís de Camões imprimiu os seus Lusíadas passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muitos, e conversação de poucos; porque tendo já passado por ele as primeiras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura, e só continuava com alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns religiosos daquela santa casa. Neste tempo lhe sobreveio ãa larga enfermidade, que lhe serviu de se aparelhar para a morte, a qual ele trazia tão presente, que até nas cartas jocosas falava muito de si só nela, como se vê bem das que andam impressas nas suas Rimas. Acrescentou-se-

-lhe este mal com o sentimento da morte del-Rei Dom Sebastião, a quem tinha intentado celebrar em outro heróico Poema, se a ambos durara a vida, e melhor fortuna.

Com esta, e outras moléstias se lhe foi agravando a enfermidade até o ano de 1579, no qual faleceu. Estava neste tempo em tanta pobreza, que de casa de D. Francisco de Portugal lhe mandaram o lençol em que o amortalharam, e assi foi sepultado na igreja de Santa Ana sem letreiro, ou campa algũa, que mostrasse o lugar de sua sepultura.

Era quando morreu de pouco mais de cinquenta anos, porque quando compunha os seus Lusíadas, diz ele no canto X, estânc. 9, que tinha já pouco que passar da idade do estio para o Outono, o qual começa dos cinquenta por diante:

*Vão os annos descendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono.*

E falecendo ele sete anos depois de sua impressão (a qual foi no de 1572) parece que não passou dos cinquenta e cinco. Foi Luís de Camões de meã estatura, grosso e cheio do rosto, e algum tanto carregado da fronte, tinha o nariz comprido levantado no meio, e grosso na ponta; afeava-o notavelmente a falta do olho direito, sendo mancebo, teve o cabelo tão louro, que tirava a açafroado; ainda que não era gracioso na aparência, era na conversação muito fácil, alegre, e dizidor, como se vê em seus motes, e esparsas, posto que já sobre a idade deu algum tanto em melancónico. Nunca casou, nem deixou geração. Viveu, e morreu em tanta estreiteza do necessário pera a vida, que se aqueles tempos não foram tão calamitosos pera o Reino, com as cousas de África, pudera redundar em afronta dos naturais, e causar admiração. Ainda que os que têm notícia das histórias humanas entenderam bem que este é o estilo ordinário do mundo, no qual os mais dos homens eminentes são perseguidos, e desprezados em vida. Do grande Homero sabemos que se sustentava pedindo esmola por Grécia. A Sócrates faltava muitas vezes ãa capa com que se cobrir, e em fim veio a morrer condenado pelos Atenienses, e Aristóteles e Demóstenes, porque o não fossem, fugiram da mesma cidade. Cipião morreu despojado da fazenda, e desterrado

Partes pessoais
de Camões.

da pátria. A Túlio degolaram, e por mais o afrontarem, lhe cortaram aquela língua, em que por tantas vezes consistiu a liberdade da República, e o grande Epicteto viveu em Roma com tanta miséria, que não tinha mais de seu que um candeeiro de barro, com que se alumiaava. Acabando porém com a vida as armas da inveja, com que os grandes engenhos são sempre combatidos, nascem eles de novo depois da morte, e vestidos das asas da fama, alcançam a glória, que suas obras mereceram; porque os homens não podem fazer guerra, senão aos corpos, os quais, como compostos de matéria frágil, e caduca, são vencidos de maior potência. Mas as obras do engenho, como representam o ânimo, que é eterno, duram igualmente com o tempo, e com ele adquirem o prêmio igual a seus merecimentos. Daqui veio chegarem depois os Gregos a venerar, como cousas divinas, aos mesmos Homero, Sócrates, Demóstenes, e Aristóteles, a quem em vida perseguiram, e em Roma a confessarem os Cidadãos que não podia ser castigada aquela cidade com maior pena, que privá-la Cipião do tesouro de sua sepultura, e a dizerem contra os matadores de Túlio, que por se livrarem de sua eloquente língua, fizeram falar contra si as de toda a República; e foi tão estimado o nome de Epicteto, que o seu candeeiro de barro, por ser possuído de tal dono, se comprou na praça de Roma por trezentos cruzados.

Deste mesmo modo vai sucedendo a Luís de Camões, o qual, sendo perseguido em vida de perpétuos infortúnios, depois de morto tem alcançado gloriosíssimos prêmios de seus trabalhos, por que pouco depois de seu falecimento, movido Dom Gonçalo Coutinho do zelo da pátria, a quem o Poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da sepultura com ãa campa de mármore com este honroso epitáfio:

Aqui jaz Luís de Camões, Príncipe dos Poetas de seu tempo: viveu pobre, e miseravelmente, e assi morreu no ano de 1579. Esta campa lhe mandou aqui pôr D. Gonçalo Coutinho, na qual se não enterará pessoa algũa.

A este Epitáfio acrescentou depois outro maior (com gosto do mesmo Dom Gonçalo) Martim Gonçalves da Câmara, Presidente que foi da mesa do Paço, e escrevão

do e morto de D. Sebastião?

da puridade del-Rei Dom Sebastião, grande valido seu, e estimado de todos os Reis deste Reino, varão de suma inteireza, virtude, e temperança, compôs este epitáfio à sua instância o reverendo padre Mateus Cardoso, Religioso da Companhia de Jesus, lente que foi da primeira cadeira da humanidade da Universidade de Évora, que depois deixando os estudos humanos, se dedicou só aos divinos, e à pregação do Evangelho nas bárbaras regiões de Angola, onde ao presente anda, e o Epitáfio diz assi:

*Naso eligis, Flacus Lyricis, epigrammate Marcus
Hic iacet, Heroo carmine, Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi Lysia famam,
Unam nobilitant Mars, et Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine, at Indo
Et Gangi, telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit;
Sic bene de patria meruit, dum fulminat ense.
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere poetam
Quælibet hunc vellet terra vocare suum
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni,
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.*

Não é pequeno louvor alcançar Luís de Camões depois de morto estas gloriosas memórias por obra de varões tão ilustres, quando até os maiores Príncipes do Mundo, e os parentes mais chegados com a morte se sepultam juntamente no esquecimento dos vivos. Porém não é menos honra a que adquiriu nos bons engenhos, que se dedicaram a traduzir o seu Poema heróico, o qual anda convertido nas melhores línguas de Europa, querendo cada qual fazê-lo próprio por ornamento da sua pátria, e para enriquecer seus naturais com tão precioso tesouro. E ultimamente o Reverendíssimo Bispo de Targa, D. Fr. Tomé de Faria, o traduziu com grande elegância em verso Heróico Latino, tendo justamente tal ocupação por digna de sua profissão, e dignidade, como outros muitos prelados têm feito em semelhantes sujeitos, por ser obra em que se mostra

Faria

muita erudição, e engenho. Neste Reino se têm também empregado não poucos em comentarem, e louvarem o mesmo Poeta Luís de Camões; alguns saíram à luz, e outros se conservam manuscritos, mais dignos, pode ser, da impressão, que os que tiveram esta fortuna, qual é o que há muitos anos tem composto Luís da Silva de Brito, Prior do Santo milagre de Santarém, pessoa assaz conhecida neste Reino pela muita doutrina, e qualidades que nele concorrem. Dos versos que se têm composto em seu louvor, por serem muitos, referirei só dous Epigramas que se imprimiram com as suas Rimas no ano de mil e quinhentos e noventa e oito: o primeiro Latino feito por Manuel de Sousa Coutinho, tão ilustre no sangue, como nas letras humanas, o qual deixando o século, e nome, entrou na sagrada Religião dos Pregadores, onde se chamou Frei Luís de Sousa, e tem dado com suas obras outra nova esperança a nossa pátria. Pelo que por ser o Epigrama de tal sujeito, é para Luís de Camões de grande reputação.

*Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
 Quod Sophocles, tristi naso, quod ore canit.
 Mæstitiam, casus, horrentia prælia, amores,
 Iuncta simul cantu, sed graviore damus.
 Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
 Lysia in Eoas imperiosa plagas.
 Unus tanta dedit? Dedit et maiora daturus,
 Ni celeri fato corripetur, erat.
 Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo
 Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
 Flos veteris, virtusque novæ fuit ille camænae.
 Debita iure sibi sceptra poesis habet.
 In Lusitanos Heliconis culmina tractus
 Transtulit antra, lyras, sertas, fluentas, Deas.
 Currere Castalios nostra de rupe liquores
 Iussit, ab invito prata virere solo.
 Cerne per incultos, Tempe meliora recessus,
 Cerne satas, sterili cespite, veris opes.
 Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,
 Non ego iam Lysios: credo, sed Elysios.
 Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
 Traxit, et ab stygio squalida monstra foro.*

*Thessalicos Lodoice, sacro cum flumine montes
 Pieridumque trahis cœlituumque choros.
 Sunt maiora tuæ Orpheis miracula vocis,
 Attica quid faceres, si tibi lingua foret?*

O outro é um soneto português do nosso célebre poeta Diogo Bernardes, que no estilo pastoril não reconhece superior, o qual por ser tão qualificado voto, é digno de muita consideração:

*Quem louvará Camões que ele não seja
 Quem não vê que em vão cansa engenho, e arte
 Ele assi só se louva em toda a parte,
 E toda a parte ele só enche de inveja.
 Quem juntos num espírito ver deseja
 Quantos dões entre mil Febo reparte
 (Quer ele de Amor cante, quer de Marte)
 Por mais não desejar ele só veja.
 Honrou a pátria em tudo, imiga sorte
 A fez com ele só ser encolhida,
 Em prémio de estender dela a memória.
 Mas se lhe foi fortuna escassa em vida,
 Não lhe pode tirar depois da morte
 Um rico emparo de sua fama, e glória.*

Destes testemunhos poderemos trazer muitos, mas baste um universal, que é a grande estima que neste Reino se tem feito de suas obras, das quais se têm impresso, e gastado mais de vinte mil volumes; e tão geral é hoje o conhecimento do muito que mereceu à pátria, que se durara ainda agora entre nós o costume dos Romanos, que aos cidadãos beneméritos levantavam estátuas nas praças, não duvido que do público se lhe dedicara ãa mui sumptuosa, mas por não carecer deste prémio, no modo em que se permite a um particular, lhe mandou Gaspar de Faria Severim, meu sobrinho, esculpir em bronze o seu natural retrato, com a inscrição que se vê no princípio deste Discurso.

E para em toda a parte poder acompanhar a este retrato ãa breve notícia de sua vida, se lhe juntou este Elogio.

ELOGIUM.

*Q*uem Homerum credis, Camões est Lusitanus in pari vultu, eadem mentis excelsæ pignora, iidem in vita casus, ut ille ambobus, altero hic orbatus oculo: illi tenuis fortuna, huic semper arcta, semper adversa: Ulysses ille cecinit, hic Ulyssæos, æqualis cantu, cætera maior, nempe altissimum meditatus Poema, et expressurus furentem procellis Neptunum, ferro, flammisque Martem, ad Indos navigavit, Brachmanas audivit, cum hoste dimicavit (testantur pulchræ adverso ore cicatrices) quin uti Platonem peregrinatione, ita naufragio Cæsarem egit, contentus etiam præter scripta nihil eripuisse undis. Patriæ restitutus, quam singulariter nobilitarat, ingrata expertus est; nulla donatus laurea, nullis auctus honoribus, inter concives prorsus extorris diem clausit. Adest tamen 43. post anno, quæsitæ meritis gratia, sublatum civitas Fato, et Libitinæ ardet furari. Primus Gaspar de Faria Severinus, novum hoc statuæ genus commentus dum alii marmoreas, alii aureas properant. Anno 1622.

Como se dissera:

CAMÕES é Lusitano, este que vos parece Homero, na semelhança do rosto, nos mesmos partos do entendimento, e na igualdade da vida. Homero foi falto de ambas as vistas, Camões de ãa delas: aquele possuiu poucas riquezas, este viveu em perpétua pobreza: cantou aquele Ulisses, este os Ulisseos: mas sendo a Homero igual no canto, no mais foi superior, porque concebendo em seu ânimo um soberano Poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno, e o furor de Marte a ferro, e fogo, navegou, e passou à Índia, ouviu os sábios dela, pelejou valerosamente com os inimigos (como testificam as fermosas feridas recebidas no rosto) e sendo outro Platão nas peregrinações, imitou no naufrágio a César, contentando-se de livrar só das ondas seus Poemas. Tornado à pátria experimentou sua ingratidão, depois de a ter singularmente enobrecido, e sem receber prémios nem honras da poesia, acabou a vida como desterrado entre seus próprios Cidadãos. Chegou porém 43 anos depois de morto o bem merecido galardão a suas obras procurando o agradecimento livrá-lo da adversidade da fortuna, e esquecimento da morte com este novo género de estátua, que Gaspar de Faria Severim, primeiro lhe levantou, em quanto outros de mármore, e de ouro lhas preparam. Ano 1622.

Deste modo ficará a imagem do nosso Poeta ornando as livrarias, e casas das ciências, com grande gosto dos doutos, e curiosos, os quais já em tempo de Plínio costumavam ter ornados os estudos com os rostos daqueles, cujos ânimos conservavam retratados no mesmo lugar em suas obras¹. E era este costume tão usado em Roma, que até os retratos que não havia, se fingiam, como aconteceu ao de Homero, *Ex auro, argento, aut certe ex ære* (diz ele) *in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animæ in iisdem locis, ibi loquuntur, quinimo etiam qui non sunt, finguntur, pariuntque desideria non traditi vultus, sicut in Homero evenit*, etc. Neste retrato ficou Luís de Camões aventajado a qualquer grande estátua, por maravilhosa que fosse, porque as estátuas não ocupam mais que um só lugar, e padecem também as injúrias do tempo, com as quais se acabaram até aqueles monstruosos Colossos, com que os Antigos quizeram eternizar sua memória, porém as estampas têm aquela propriedade da pintura com o qual diz o mesmo Plínio que os homens se fizeram iguais aos Deuses, podendo estar juntamente presentes em toda a parte, e por beneficio da impressão ficam isentos dos poderes do tempo. Estes excelentes prémios, que as obras de Luís de Camões têm alcançado, parece anteviu ele muitos anos antes, quando considerando o pouco fruto que então lhe rendiam seus versos disse na Estân. 100 do canto v de seus Lusíadas:

*Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou qualquer outra via,
Não perderá seu preço, e sua valia.*

Pelo que têm nele todos os professores das ciências um grande exemplo, para não deixarem de ocupar seus talentos em beneficio público, por falta de favor, porque quanto mais este lhe falecer de presente, tanto maiores prémios podem esperar de futuro.

Com razão logo nos podemos consolar da contrária fortuna, que o nosso Poeta padeceu em vida, pois além de ter nela por companheiros aos mais illustres varões de antiguidade

¹ Plin., liv. xxxv, cap. II.

de, não lhe vai ficando depois da morte inferior nas honras da sepultura, na autoridade das estátuas, na dilatação da fama, com a qual é celebrado por todo o mundo, em tantas línguas, dos melhores Poetas, Históricos e Oradores, de maneira que sua gloriosa memória durará igualmente com os séculos vindouros.

FIM

DISCURSO [TERCEIRO].

*Com que condições seja Louvável
o Exercício da Caça.*

A FRANCISCO DE FARIA, *Alcaide-Mor de Palmela.*